



ESTAÇÃO

DIVERSIDADE

Nº 8

Uma publicação do Sindicato dos Metroviários e Metroviárias de SP

JUNHO E JULHO/2026

f /MetrováriosSP

ig /Metrovários_SP

www.metrovários.org.br

Parada LGBTQ+ com o tema:

A rua convoca, a urna confirma

Esse foi o tema escolhido para comemorar os 30 anos da Parada LGBTQ+ de São Paulo, evento em mês histórico de mobilização e luta.

Meses antes, o ativista e motoboy, Galo, participou de um podcast onde expressou sua indignação – utilizando termos reducionistas e LGBTQfóbicos – sobre a intersecção da luta de classes e LGBTQ+. O que nos coloca para refletir: que rua te convoca? A Faria Lima? A Praça da República? A Avenida Paulista? A rua onde os motoboys lutam pelos seus direitos? Ou a rua onde 90% da população trans é obrigada a viver da prostituição? Se é na concepção de trabalho formal, ocupamos cerca de 4,5% das vagas. Quando falamos da população trans, o número cai para 0,38%. Nem a rua ocupamos plenamente ainda, a sociedade nos empurra para o esgoto.

As pessoas se identificarem como LGBTQ no espaço de trabalho é um acontecimento recente, dos últimos 30 anos, que ainda carrega estigmas, mas na luta, sempre estaremos juntos. Afinal, retirar a identidade e prazeres da classe trabalhadora é estratégia capitalista para aumentar o lucro. Nesse sentido,

Galo trata os trabalhadores como massas amorfas, o pobre trabalhador hipotético, sem tempo, capacidade e disposição de aprender, apenas reforça um discurso conservador e soberbo, como se ele fosse porta-voz da verdade de uma classe. Existem muitos entregadores cis-héteros, que no tempo livre fazem sexo anal com suas companheiras, ativos ou passivos, onde que uma coisa exclui a outra? A única coerência nesse discurso é o preconceito.

Quando a rua convoca, seja pelos direitos da classe, seja pelos direitos LGBTQ+, das mulheres, raciais, entre outros, a nossa luta é mais forte quando coletiva. Huey P. Newton, cofundador dos Panteras Negras, em discurso histórico, disse que:

“[...] sabemos que a homossexualidade é um fato que existe, e devemos entendê-



la em sua forma mais pura, ou seja, uma pessoa deve ter a liberdade de usar seu corpo da maneira que quiser. [...] Isso não implica em endossar coisas na homossexualidade que nós não vemos como revolucionárias. Mas não há nada para dizer que um homossexual não pode também ser um revolucionário. E talvez eu esteja agora inserindo um pouco do meu preconceito, dizendo que 'mesmo um homossexual pode ser um revolucionário.' Muito pelo contrário, talvez um homossexual possa ser o mais revolucionário. [...] Devemos ser cuidadosos acerca do uso desses termos que possam afastar nossos potenciais aliados. Os

homossexuais não são inimigos do povo.”

Apesar do anacronismo, como isso se reflete na política institucional? A direita cria um pânico moral em cima de um inimigo imaginário para avançar nos seus projetos neoliberais. Medos fabricados, por exemplo, pessoas trans no banheiro correspondente à sua identidade e o PL da misoginia, enquanto cerca de 60% dos agressores sexuais contra menores são familiares próximos e 70% das agressões acontecem no ambiente doméstico, não envolvendo pessoas trans como agressoras e, em partes dos casos, como vítimas, em forma de “estupro corretivo”.

Esse ano vamos eleger presidente, deputados federais, estaduais e governadores, eles precisam estar alinhados aos nossos interesses de classe, mais do que isso, que não encerremos nossa luta política na urna, que a rua e a urna se alimentem reciprocamente. Não voltaremos para o esgoto, também reivindicamos a rua,



Imagem: Freepik

As metroviárias estão UNIDAS contra o assédio: *Mexeu com uma, mexeu com todas!*

As metroviárias da empresa Metrô e das empresas terceirizadas convivem e lutam contra o assédio diariamente



O crescimento da misoginia no Brasil e no mundo se expressa no aumento de todas as formas de violência e opressão contra a mulher, sem falar no aumento vertiginoso dos feminicídios.

Lamentavelmente o Metrô segue essa tendência. Só no último mês foram registrados seis casos de assédio sexual contra nossas trabalhadoras, sendo cinco delas, terceirizadas.

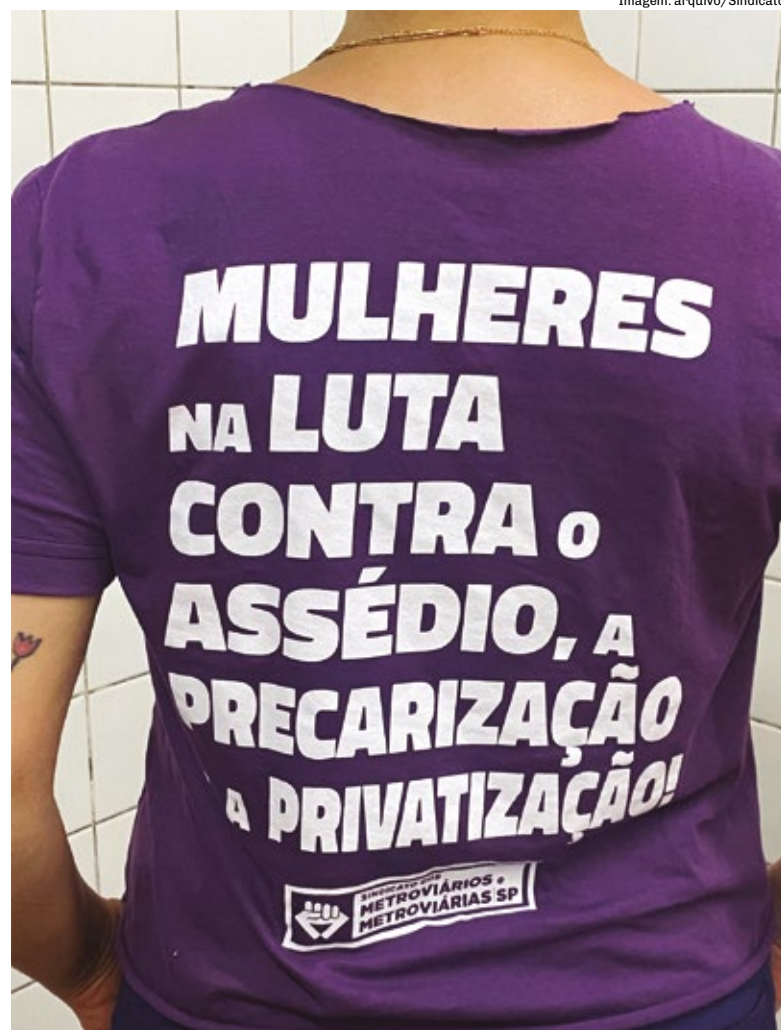
O caso mais grave ocorreu dentro de nossa companhia, em que uma atendente terceirizada de estação foi estuprada por um funcionário contratado nas dependências da empresa.

Felizmente ela recebeu todo o acolhimento e amparo dos colegas da estação, segurança, CIPA e ativistas, e através de uma luta conjunta, o estuprador foi demitido.

Punição branda perto do que merecia, já que este apresentava um histórico de crimes da mesma natureza tanto enquanto trabalhava na atual prestadora de serviços de limpeza para o Metrô quanto em seu emprego anterior, já contando com um registro de Boletim de Ocorrência pelo mesmo crime.

É importante que TODO metroviário se porte como um ativista contra o assédio: não basta ser contra, é preciso também agir no combate e prevenção a toda e qualquer forma de violência contra as mulheres.

Se presenciar ou ser vítima de qualquer forma de opressão, não hesite em procurar imediatamente os diretores e delegados sindicais, cipistas, e ativistas para acolhimento e orientação. Esta é uma luta de toda a categoria.



Caso você queira uma forma mais impessoal ou anônima de se manifestar, utilize o canal de denúncia do Sindicato disponível no QR Code ao lado. Através dele sua denúncia não passa pelo conhecimento da empresa (seja o próprio Metrô ou as contratadas) e a assistência jurídica estará à sua disposição, além da abertura de CAT (Comunicado de Acidente de Trabalho) quando necessário.

Não existe mais espaço para a opressão contra a mulher na categoria.

Seguiremos em

campanha contra esse e outros crimes, para que o Metrô seja um espaço seguro para todas.

Não toleraremos mais violência e estamos unidas e unidos contra o assédio! Denuncie!

Nesse QR Code você acessa o link para denúncias que podem ser anônimas.



EXPEDIENTE: Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Transportes Metroviários e em Empresas Operadoras de Veículos Leves sobre Trilhos no Estado de SP.

Sede: R. Padre Adelino, 700 – Belém. CEP 03303-000 – São Paulo – SP. Fone: (11) 2095-3600. E-mail: sindicato@metroviarios-sp.org.br.

Presidente: Dagnaldo Gonçalves Pereira. Secretaria de Diversidade Sexual e Identidade de Gênero: Luna Marchesi Leal Amorim. Diretora de Imprensa: Camila Lisboa. Arte: Maria Figaro, MTb 25.888-SP. Tiragem: 200 exemplares. www.metroviarios.org.br

6x1 e a população LGBTQIAPN+

Segundo um estudo inédito realizado pelo VoteLGBT durante a 29ª Parada LGBTQI+ de São Paulo demonstrou que a maioria das pessoas LGBTQI+ trabalhadoras defende a redução da jornada semanal de 44 horas e o fim da escala 6x1, considerada excessiva



Imagens: reprodução

Os dados indicam que 66% dos participantes já estiveram ou ainda estão inseridos nesse modelo de trabalho (com seis dias seguidos de atividade e apenas um de descanso). Além disso, há quase um consenso: 94% apoiam a adoção de jornadas com no máximo cinco dias semanais, juntamente com a diminuição da carga horária total.

Hoje, aproximadamente três em cada quatro pessoas LGBTQI+ entrevistadas possuem alguma fonte de renda por meio do trabalho. Entre elas, 57% têm vínculo formal pela CLT.

A escala 6x1 está sendo

um dos centros das disputas políticas atualmente no Brasil e até mundialmente. A extrema direita, a burguesia e os grandes ricos querem que esse tipo de escala permaneça para os trabalhadores, pois visa mais o lucro, a competitividade e a ganância dos que querem cada vez mais expandir seu capital a custo da saúde e sangue de trabalhadores, que para sobreviverem se submetem a condições análogas à escravidão em troca de um valor que nem sequer sustenta sua sobrevivência. Ao mesmo tempo, um sucateamento dos serviços públicos.

Por outro lado, o governo federal está encaminhando um projeto

de lei reduzindo a jornada de trabalho para 40 horas, porém o próprio movimento já indicou a insuficiência, propondo a redução para 36 horas, trabalhando numa escala de 4x3, evidenciando a possibilidade de empregar mais pessoas e não adoecimento dos trabalhadores, mas sabemos que existe muito interesse por trás das intenções. Diminuir para 40 já é um passo, porém é preciso ir além.

Se repararmos na superprodução capitalista, com a sobra de materiais e alimentos, que são descartados e não redistribuídos, significa que toda produção poderia

suprir as necessidades de toda a população. Porém, os capitalistas, os ricos, ganham com essa exploração e o governo passando pano!

Para que de fato consigamos acabar com a escala 6x1, expropriando os bilionários mais ricos do Brasil, que já ganharam muito em cima do suor dos trabalhadores que ganham o que nem conseguem viver.

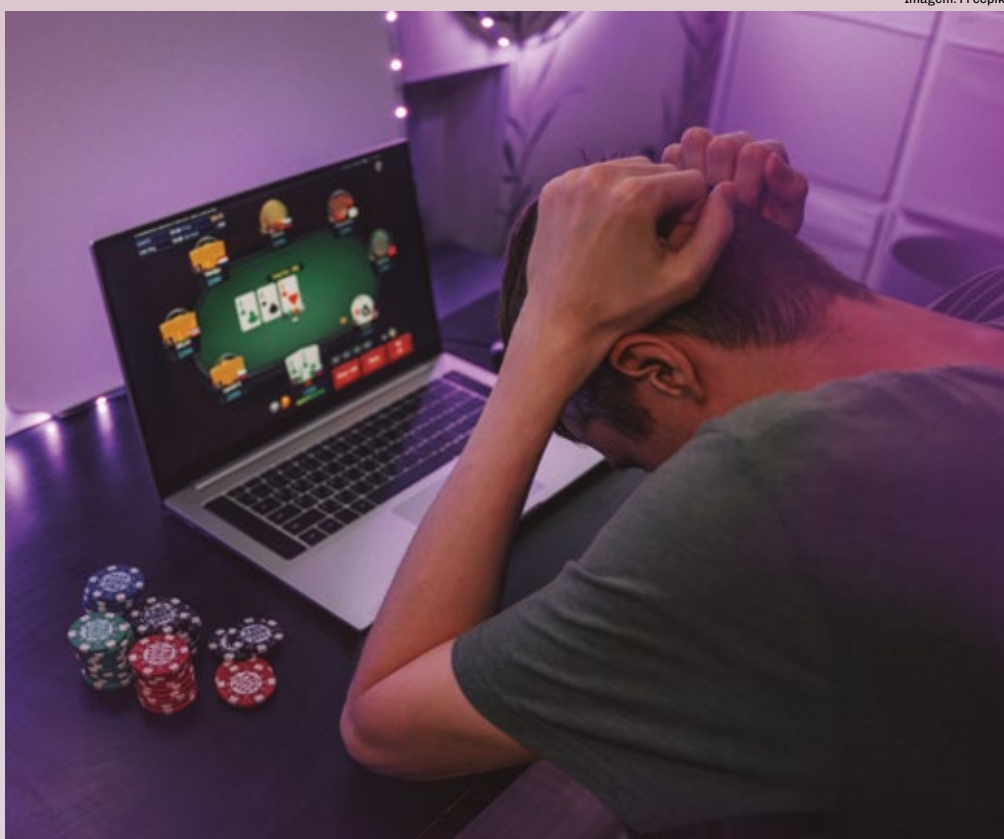
Precisamos unificar as lutas com toda a classe de trabalhadores, pois é um ataque a todos nós e de todos os setores da classe, principalmente aqueles que o capitalismo explora mais e diferencia para gerar preconceito e discriminação!

BET's = vício, endividamento e violência

Imagem: arquivo/Sindicato



Imagem: Freepik



E o Metrô fazer publicidade disso é imoral e irresponsável

Muitas pesquisas indicam que a dependência em apostas já é um problema de saúde pública no Brasil. Segundo estudo da Faculdade de Medicina da UFMG, elas “possuem um poder de dependência semelhante à nicotina e ao álcool, pois atuam no mesmo circuito de recompensa cerebral”

E o vício em apostas

pode “desencadear casos como o transtorno de ansiedade, transtornos do humor, quadros de insônia, irritabilidade e a própria sensação de culpa”.

Um estudo do Instituto Brasileiro de Executivos de Varejo revelou que as apostas online são também o principal motivo do endividamento das famílias. As crises financeiras familiares, com a dificuldade

de fechar as contas ao final do mês, são apontadas como parte do contexto da onda de violência doméstica e casos de feminicídio.

Essas informações indicam argumentos suficientes para tratar como absurdo a propaganda de BET's em espaços públicos, televisão, redes sociais, entre outros. O Metrô está tomado por propagandas de BET's. Uma empresa

pública contribuindo para uma crise de saúde pública e uma crise social.

O dinheiro que a empresa gasta contratando escritórios jurídicos particulares para bancar o projeto de terceirização deveria ser revertido para investir na qualidade do Metrô. E a busca por financiamento através de publicidade irresponsável deveria ser proibida.